JORNAL da ANE
Associação Nacional de Escritores
ANO XIII, nº 107, junho / julho - 2021

UBALDO, O BRASILEIRO

Edmílson Caminha

Sei com precisão a data em que conheci João Ubaldo Ribeiro: 19 de julho de 1982, como se lê na página em que autografou meu exemplar do *Sargento Getúlio*. Foi nas dependências do Cine São Luiz, em Fortaleza, quando recebeu um prêmio de literatura patrocinado pelo Banco do Nordeste. "Vá conhecê-lo, e apresente-se como meu representante na solenidade!", disse-me de Salvador o jornalista João Carlos Teixeira Gomes, amigo de Ubaldo desde os tempos de escola.

A selvageria do homem que arrasta um prisioneiro como bicho pelo interior do Nordeste me impressionara fortemente, pela violência da história e pelo que havia de novo na linguagem. Passados 15 anos do lançamento de *Grande sertão: veredas*, em 1956, o romance era um dos dois à altura da obra-prima de Rosa (o outro, *A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna, também se publicara, coincidentemente, em 1971). Antes, o romancista Ubaldo escrevera *Setembro não tem sentido*; depois, *Vila Real*, *Viva o povo brasileiro*, *O sorriso do lagarto*; os contos de *Vencecavalo e o outro povo*, de *Já podeis da pátria filhos*; as crônicas de *Um brasileiro em Berlim, O Conselheiro come*, obras que dele fazem, como observou o diretor de cinema Cacá Diegues, um "paradoxal herdeiro direto de, ao mesmo tempo, Machado de Assis e Jorge Amado, um homem que não se contenta em conhecer o Brasil profundo como profundamente conhece, mas o inventa a seu modo, como fizeram Mário de Andrade e Guimarães Rosa ou ainda Glauber Rocha".

Continua na pág. 8

A INVENÇÃO REAL DE MANDU LADINO

Diego Mendes Sousa

O romance histórico *Mandu Ladino* (2006), do teresinense Anfrísio Neto Lobão Castelo Branco (1944-), é um registro literário incomensurável para a ficção piauiense e uma narrativa única, urdida com a memória sangrenta da resistência dos povos indígenas. É um livro fundamental e identitário sobre a ocupação do Piauí e do seu entorno.

O narrador construiu uma peça de transfiguração, através de uma personagem real e mítica, vivente do século dezessete, quando da colonização do Piauí, cuja invasão foi protagonizada por padres e criadores de gado, homens brancos que ocuparam as terras pertencentes às nações que povoavam os sertões de dentro, como os Aranhis, Jaicós, Potis, Xerentes, Pimenteiras, Anapurus, Tabajaras, Timbiras, Aruás, Tremembés e tantos outros, cruelmente massacrados e dizimados.

O desenho do rio Parnaíba agrega as forças ladinas de um herói que se rebelou contra o jugo violento das armas de fogo e dos cavalos que martirizavam e encurralavam os nativos.

Mandu Ladino conseguiu unir e agrupar os seus parentes e liderou o mais significativo levante indígena contra a escravização, a agressão cultural e a morte de sua gente. O indígena acabou sendo perseguido e morto nas águas do Igaraçu, braço do Parnaíba, entre as cidades litorâneas da Parnaíba e da Ilha Grande do Piauí, no Atlântico norte do Brasil.

O bravo e inteligente Mandu Ladino recebeu uma certidão de nascimento, um repertório de vida e de óbito, nas mais de quatrocentas páginas dessa monumental obra romanesca do novel membro da Academia Piauiense de Letras, Anfrísio Neto Lobão Castelo Branco.

SOB O CÉU DE BELO HORIZONTE

Danilo Gomes

Jornalista, cronista, ficcionista e memoralista, Pedro Rogério Moreira já apresenta ao público leitor uma vasta bibliografia. Filho da Srª. Ibrantina Brandão Couto Moreira (Dona Brante) e do escritor Vivaldi Moreira, foi criado na convivência com a vasta e seleta biblioteca do pai (vinte mil volumes), em Belo Horizonte, onde nasceu em 1946.

A partir de 1978 (e durante praticamente uma década) trabalhou na TV Globo, produzindo reportagens sobre a Amazônia e o tumultuado garimpo de Serra Pelada. Na editoria de esportes, cobriu a Copa do Mundo da Espanha, em 1982.

Seus tios Édison (poeta) e Pedro Paulo Moreira eram os proprietários da Livraria Itatiaia, na capital mineira, onde ele trabalhou como balconista e travou contato com vários escritores mineiros em grande atividade nas décadas de 1960 a 1980.

Começou a carreira de jornalista no fim da década de 1960, em São Paulo, como redator da *Última Hora*. No Rio de Janeiro, fez reportagens para *A Notícia*. Trabalhou no SBT, Rádio Globo, Radiobrás, *Jornal do Brasil*. Foi diretor de marketing do Senado Federal, assessor da Presidência da República e técnico do Sebrae. Publicou artigos e crônicas em jornais e revistas de Brasília, Belo Horizonte e Rio de Janeiro. É casado com Yara Ulles Moreira. O casal mora em Brasília há muitos anos. Pedro Rogério publica crônicas e artigos no *Jornal da ANE* — Associação Nacional de Escritores e na *Revista da Academia Mineira de Letras*. Publica também crônicas e artigos pela internet.

Nosso autor detém a elevada honra de ser o sucessor de seu pai, Vivaldi Moreira, na cadeira nº. 38 da Academia Mineira de Letras. Cumpre destacar que, pelos seus relevantes serviços, Vivaldi Moreira foi aclamado por seus pares Presidente Perpétuo da Academia, que conta com o amplo Auditório Vivaldi Moreira.

Continua na pág. 2

Continuação da página 1

SOB O CÉU DE BELO HORIZONTE

Danilo Gomes

Já é fecunda a bibliografia de Pedro Rogério Moreira. Eis os títulos de seus livros:

Hidrografia sentimental – Aventuras sem malícia de um repórter na Amazônia;

Bela noite para voar – Um folhetim estrelado por JK;

Jornal amoroso – Edição vespertina;

Amor a Roma, amor em Roma: diário de viagem em companhia de Afonso Arinos e Cyro dos Anjos;

Almanaque do Pedrim;

Fortuna biográfica de Vivaldi Moreira;

Diário da Falsa Cruz de Caravaca;

Memórias da Diverticulite;

Palavras cruzadas (em parceria com Renato Sampaio);

Geografia sentimental de Miguel Torga em Minas;

Passeio pela magia na História de Carlos Magno.

Em preparo, o autor tem mais duas obras: *O livro de Carlinhos Balzac* (novela) e *O livro de curiosidades da Bíblia*, um amplo e substancioso repertório do Antigo e do Novo Testamentos.

Sob o céu de Belo Horizonte foi editado pela Thesaurus, de Brasília, em 2020, com capa de Victor Tavares e programação visual de Cláudia Gomes. Tem 333 páginas e é dedicado aos escritores Manoel Hygino dos Santos, Letícia Malard, Caio Boschi, Olavo Romano e Edmílson Caminha.

Na segunda orelha do volume, o próprio Pedro Rogério Couto Moreira esclarece: "Permanecendo fiel ao memorialismo, o autor agora reaparece *Sob o céu de Belo Horizonte*, um diário de leituras, tendo como fio condutor romances e livros de memórias, todos de escritores de sua predileção que retratam a cidade natal, desde o arrasamento do arraial do Curral del Rey em 1894 aos dias atuais."

De fato, o livro é calcado em obras de importantes romancistas e memorialistas mineiros e seus personagens, desde os primórdios da nova capital das Minas Gerais. Muitos desses autores Pedro Rogério conheceu e privou de sua amizade, dentre eles Eduardo Frieiro, Moacyr Andrade, Cyro dos Anjos, Fernando Sabino, Ricardo Gontijo, Roberto Drummond, Odin Andrade, Sylvio Miraglia, Mário Palmério, Euryalo Canabrava, Geraldo França de Lima, Pedro Nava, Afonso Arinos de Melo Franco. Outros autores focalizados são Benedito Valadares, Aníbal Machado e Avelino Fóscolo.

Excepcionalmente bem planejado, bem concatenado e bem escrito, esse livro encantará mesmo a leitores sem maiores aproximações com os autores e obras trazidos à colação, com as ruas, logradouros e paisagens de Belo Horizonte, com as numerosas situações (dramáticas ou cômicas) apresentadas. Fotos notáveis ilustram o volume.

Pedro Rogério se confessa, mais de uma vez, um leitor **voyeur**, e nessa condição compartilha com os leitores desse seu livro um vasto elenco de leituras, fatos, sensações, cenários. O memorialista, como Heródoto, caminha sempre no chão da História, afinal de contas. Seu amigo novelista Otto Lara Resende disse um dia a Pedro Rogério: "A memória é a mãe da História." É dessa memória, pessoal e alheia, que é feito esse maravilhoso livro. É com nostalgia que o autor belo-horizontino encerra o livro, que contém muito da vida boêmia e literária da capital de Minas. Recomendo a leitura. O livro pode ser encontrado, em Brasília, na livraria Sebinho, na 406 Norte, fone 98429-4885. O leitor gostará de viajar nesse trem da memória, com o experiente maquinista **voyeur** Pedro Rogério Couto Moreira.

Soneto do Mês

A BELEZA
Afonso Schmidt

Neste crisol do coração, Beleza
que iluminas a nossa noite escura,
és a Bondade – que se fez Grandeza
e a Dor sofrida – que se fez Doçura.

És a muda expressão da Natureza;
beijo no amor, sorriso na candura,
prece na morte, pranto na tristeza
e, para os poetas, mística tortura.

Ninfeia azul no pântano estagnado,
flores brotando na aridez das lousas,
ou mistério no páramo estrelado,

em tudo que nos cerca tu repousas,
porque a Beleza é Deus manifestado
a nos sorrir pela expressão das cousas.

(Seleção de Napoleão Valadares)

Associação Nacional de Escritores
www.anenet.com.br
SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer
CEP 70390-078 – Brasília – DF
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642
E-mail: contato.anedf@anenet.com.br

29ª DIRETORIA
2019-2021
Presidente: Fabio de Sousa Coutinho
1° Vice-Presidente: Roberto Nogueira Ferreira
2° Vice-Presidente: Edmílson Caminha
Secretário-Geral: Sônia Helena
1ª Secretário: Jolimar Corrêa Pinto
2º Secretário: Noélia Ribeiro

1° Tesoureiro: Salomão Sousa
2° Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza
Diretora de Biblioteca: Gilmar Duarte Rocha
Diretora de Cursos: Kátia Luzia Lima Ferreira
Diretor de Divulgação: Vera Lúcia de Oliveira
Diretor de Edições: Afonso Ligório
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Carlos Brandi Aleixo, José Jeronymo Rivera, José Peixoto Júnior e Napoleão Valadares.

JORNAL da ANE nº 107 – junho/julho 2021

Editor
Afonso Ligório Pires de Carvalho
(Reg. FENAJ nº 286)

Conselho Editorial
Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, Edmílson Caminha e Fabio de Sousa Coutinho

Revisão
Napoleão Valadares

Programação Visual
Cláudia Gomes

Impressão: *Editora Otimismo Ltda.*
SIBS Qd. 03 - Conj. C - Lt. 26 - N. Bandeirante, Brasília-DF - CEP: 71736-303
(61) 98626-2636 - 3386-0459 - grupoeditoraotimismo@gmail.com

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

RUI E MACHADO

Fabio de Sousa Coutinho

Uma das mais belas peças de retórica da Literatura Brasileira é a oração de adeus de Rui Barbosa a Machado de Assis. Muita gente boa acha que vem a ser o melhor discurso de despedida jamais pronunciado em nosso país. Ora, direis, ouvir estrelas: era Rui exaltando Machado, ou seja, o notável advogado homenageando a memória do maior escritor do Brasil.

Mas o que disse Rui Barbosa naquela triste manhã de 30 de setembro de 1908, no Cemitério de São João Batista, no Rio de Janeiro? Inicialmente, o registro da designação da Academia Brasileira de Letras para trazer ao amigo o "coração de companheiros". A partir daí, uma sucessão de reflexões sobre a existência e a obra de Machado de Assis, ressalvando, porém, que sua vontade era falar "senão do seu coração e da sua alma".

Com efeito, Rui assinala que o grande morto "não é o clássico da língua; não é o mestre da frase; não é o árbitro das letras; não é o filósofo do romance; não é o mágico do conto; não é o joalheiro do verso, o exemplar sem rival entre os contemporâneos da elegância e da graça, do aticismo e da singeleza no conceber e no dizer; é o que soube viver intensamente da arte, sem deixar de ser bom".

E prossegue na tocante reverência a Machado, fixando-o como "modelo de pureza e correção, temperança e doçura; na família, que a unidade e devoção do seu amor converteu em santuário; na carreira pública, onde se extremou pela fidelidade e pela honra; no sentimento da língua pátria, em que prosava como Luís de Sousa, e cantava como Luís de Camões; na convivência dos seus colegas, dos seus amigos em que nunca deslizou da modéstia, do recato, da tolerância, da gentileza.

Era sua alma um vaso de amenidade e melancolia."

Perto de concluir o adeus a Machado de Assis, Rui Barbosa a ele se dirige, vendo-o a caminho da outra parte da eternidade: "Mestre e companheiro, disse eu que nos íamos despedir. Mas disse mal. A morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima."

A oratória acadêmica de Rui engloba algumas outras pérolas, como a célebre Oração aos Moços (discurso na Faculdade de Direito de São Paulo, na condição de paraninfo dos bacharelandos de 1920) e o Elogio de Castro Alves, por ocasião da celebração dos dez anos da morte do Poeta dos Escravos, em 1881. São passagens extraordinárias da vida nacional, verdadeiros marcos de nossa civilização tropical. Nada, porém, como o Adeus a Machado de Assis, um daqueles raros momentos da História em que ela é escrita ao mesmo tempo por quem parte e por quem fica, ambos contemporâneos do futuro.

A propósito de Rui Barbosa, vale sempre lembrar que 5 de novembro, data de seu natalício, é o Dia Nacional da Cultura. Sobre Machado de Assis, creio tratar-se da própria personificação daquilo que ele expressou no poema Versos a Corina, da primeira edição (1864) de seu livro *Crisálidas*: "Esta a glória que fica, eleva, honra e consola".

VERBA VOLANT. SCRIPTA MANENT!

Roberto Nogueira Ferreira

Sempre que ouço "Pesadelo", melodia de Maurício Tapajós que abraça imortal poesia-letra do genial Paulo Cesar Pinheiro, Antônio Gramsci é a imagem que me vem à mente. "Você me corta um verso. Eu escrevo outro. Você me prende vivo. Eu escapo morto". Prisioneiro na Itália, entre 1926 e 1937, Gramsci foi autorizado por algum fascista distraído a escrever na prisão. Lápis e 29 cadernos escolares registraram a palavra escrita e o pensamento do jovem Antônio. Saiu da prisão para morrer, em Roma, aos 46 anos. Preso vivo, ele escapou morto e pode ser encontrado nas linhas e entrelinhas de sua obra imortal.

Não me ocupa (nem preocupa) o embate suporte físico versus suporte tecnológico. O livro impresso sempre vencerá. Lápis e cadernos fazem parte da natureza humana.

Preocupa-me, sim, o funeral da palavra escrita que já se observa em "conversas" pelo meio WhatsApp. Parece próximo o dia em que um cumprimento formal entre dois velhos conhecidos que se encontram ao acaso, "Olá, como vai, e a família, tudo bem?"... terá como contraparte palminhas, sorrisos, simulação de beijinhos, polegar levantado!

Esse dia parece próximo. Como caminha em marcha acelerada a vulgarização da palavra falada, cada vez mais distante da prática correta que se aprende na escola. O exemplo vem de cima. Escancarou-se a porta aos palavrões, as incivilidades e as grosserias se institucionalizam e nos ameaçam a cada dia. O WhatsApp e o Twitter estão aí para subverter a ordem, formatar uma geração de alfabetizados imbecilizados, autorizados pela própria ignorância a se expressar sobre o que sabem e o que não sabem, do modo que entendem e querem.

Felizmente, livros nos espiam das estantes. No meio desse funeral abro um Machado, Pedro Nava, Lima Barreto, Antonio Cândido, Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, José de Alencar, Drummond, Pessoa, Adélia, Nélida... E vou seguindo bem acompanhado o fúnebre cortejo.

NOVENTA E TANTOS ANOS

J. Peixoto Jr.

O amontoado de anos que carrego
Empresta-me semblante envelhecido,
Não espelha o viver mui bem vivido
Nem expressa a medida do meu ego.

Renitente à velhice, não me entrego,
Surdo – à falação não dou ouvido,
Ando alheado a muito acontecido
Pois partes de conversas já não pego.

Vivo bem, ambiente aconchegante,
A presença dos meus a todo instante
E a fartura de amigos à vontade;

Nada me falta, nada mais desejo,
Permaneço à mercê do certo ensejo
De perdurar apenas na saudade.

ESCRITORA RAQUEL NAVEIRA UMA VOZ DO PANTANAL PARA O MUNDO

João Carlos Taveira

Allegro sostenuto, cantabile

Sob epígrafe do magistral Fernando Pessoa, trazida à libação pela professora Rita Pacheco Limberti, que assina o prefácio da obra, a escritora Raquel Naveira nos apresenta seu novo livro de crônicas/ensaios *Leque aberto* (Penalux, 2020). E assim abre também um leque de possibilidades artísticas para o deleite de seus interlocutores, ao fazer reunir em letras de forma suas criações publicadas em jornais e revistas de diferentes localidades do País.

A presente coleção oferece um painel rico e abrangente de temas e abordagens. Raquel Naveira, ao mesmo tempo que descobre, vai revelando para o leitor um mundo de surpresas e emoções em cada peça deste livro. Culta e preparada, a escritora sul-mato-grossense conhece bem os caminhos percorridos e cada atalho por onde às vezes se aventura. As crônicas, além da dicção cotidiana, estão sempre recheadas de impressões históricas e filosóficas, com toques mágicos de poesia. E isso leva o leitor a tomar posse prazerosamente de um vasto cabedal de conhecimentos empíricos e científicos.

Leque aberto, por outro lado, traz uma certeza: pode ser lido de várias maneiras. E o leitor, de antemão, sabe que vai querer relê-lo muito em breve, pois algum mistério de suas entrelinhas persiste e ainda não foi revelado, e que uma leitura só não é suficiente. A riqueza semântica, gramatical e filosófica é a sua maior proposição. E a variedade de suas propostas transcende o universo habitual próprio da crônica de costumes, por mais familiar que seja, ou que nos pareça à primeira vista.

Andante molto allegro e appassionato

Raquel Naveira se define como escritora, professora universitária e crítica de literatura; mas, no fundo, é também socióloga e filósofa de mão cheia. Conhece bem os meandros da alma humana, seus vícios e suas virtudes. E não é à toa que se declara espiritualista, pois professa sua fé e sua religiosidade em muitos desses trabalhos.

Tomem-se como aperitivo dois recortes da crônica "Caminho", página 61:

> "(...)
> E avanço, adianto-me com o peito para a frente, navego estendendo velas brancas. Não posso parar. Parar não paro. Esquecer não esqueço. Nem dos meus sonhos, nem da minha fé, nem do desejo que tenho de forjar meu caráter. Pago caro por isso. Às vezes, como um beduíno, penetro desertos, vales da morte cheios de escorpiões. Outras vezes, como um louco Ahasverus, o judeu errante, o coureiro condenado a vagar pelo mundo sem nunca morrer, até a volta de Cristo, até o fim dos tempos, arrasto-me em direção a um oásis onde possa descansar antes de seguir. Se, depois, alguém da caravana me obriga a caminhar mil passos, vou com ele dois mil. Obedeço à voz do mestre nessa estranha passagem pelas dunas.
> (...)
> Quero caminhar por uma estrada real, direta, reta. Vencer a sedução de me afastar, de conhecer campos e me embriagar nas vinhas. Tenho pressa. Urgência. Meus passos são largos. Correrei. Já deixei tantas coisas para trás: pessoas, festas, fogos de artifício, imagens, falsas crenças, ilusões, vaidades. Como aquele coelho branco do conto 'Alice no país das maravilhas', seguro um relógio na algibeira e não posso me atrasar. Não vou me desviar, nem procurar atalhos, nem me distrair com chás, risadas entre folhas e cascalhos brilhantes. Só me prendo a essa vereda pela qual me decidi, neste grande sertão. Vou à capital encontrar o rei. Não sentirei fadiga até encontrá-lo. Ele é o caminho."

Adagio ma non troppo

Leque aberto está repleto de preciosidades como esta, o que o torna um livro fundamental dentro do universo da moderna crônica brasileira, só comparável, ao que me lembra, à mestria de Ruy Castro – para mim o melhor cronista brasileiro dos últimos 30 anos. Voltando ao livro, digo mais: Raquel Naveira confirma uma aproximação espiritual muito forte com Lygia Fagundes Telles e, sobretudo, com Cecília Meireles, podendo tranquilamente formar com ambas a trilogia da delicadeza, da ternura e do desapego, tanto na poesia quanto na prosa. Porque nenhum gênero lhes é adverso, ou mesmo estranho às suas pretensões.

E aqui deve-se mencionar outra particularidade da coletânea em questão. Entrincheirados entre 36 crônicas, dois ensaios saltam aos nossos olhos pelo inusitado de seus temas e também pelo vigor de suas criações: "Delírio Pessoano: vi Ricardo Reis no Rio de Janeiro certa vez", que serviu de alicerce a uma palestra que Raquel Naveira proferiu na União Brasileira de Escritores, no Rio de Janeiro, sobre o famoso heterônimo de Fernando Pessoa, e "O Cântico dos Cânticos: um Jardim Fechado", sobre o maior cântico nupcial escrito até hoje, atribuído ao rei Salomão.

O livro está dividido em seis partes e um epílogo, a saber: "Abre-se o Leque" (caminhos do autoconhecimento); "As Hastes do Leque" (assuntos dramáticos); "A Renda do Leque" (sofrimentos e dores); "Os Adornos do Leque" (leituras, quadros e música); "Fecha-se o Leque" (os labirintos interiores); "O Mofo no Leque" (textos escritos durante a pandemia do Coronavírus) e "Epílogo" ('O Caçador de Esmeraldas'). Da primeira à última página nos defrontamos com a figura da mãe da autora, falecida recentemente, e que faz deste livro uma valiosa homenagem ao amor materno, referência direta ao leque como objeto de uma lembrança afetiva e como símbolo de vaidade e sedução.

MURMÚRIO

Alberto da Costa e Silva

Meu pai,
a tua essência
superou
o tempo
e a sorte:

deixaste
atrás de ti
alguém
que ficou
a morrer.

BAR

Fernando Mendes Vianna

A conversa flui
e o tempo passa entre as pessoas
como um rio longo, longo, reunindo
margens variadas.

Sem solenidade
comemora-se mais um dia,
mais uma noite.

Bebemos cerveja gelada.
Há lufadas de vento quente,
rumor de folhas
e a reunião de vozes sob o silêncio das estrelas.

CONCURSO INTERNACIONAL DE RESENHAS DE LITERATURA COREANA

Está em curso o **Concurso Internacional de Resenhas de Literatura Coreana,** promovido pela **Associação Nacional de Escritores –ANE e pelo Instituto de Tradução de Literatura da Coreia (LTI Korea)**, com apoio da Embaixada da República da Coreia no Brasil, no âmbito do **Festival República da Coreia 2021**.

Com o propósito de divulgação da literatura coreana no Brasil e nos países lusófonos, por meio do estímulo à leitura, interpretação e criação de resenhas sobre um dos livros da sua literatura contemporânea, o Concurso em andamento selecionou o livro *Por favor, cuide da mamãe*, de autoria de Shin Kyung-sook, com tradução de Flavia Rossler e editado no Brasil pela Ed. Intrínseca, em 2012.

Traduzido em 23 países, com mais de 1,5 milhão de exemplares vendidos, esse livro tornou Shin Kyung-sook a primeira escritora sul-coreana a vencer o *Man Asian Literary Prize*.

Trata-se de um romance que narra a história de uma mulher de 69 anos, mãe de cinco filhos, que é separada do marido e desaparece em uma estação metroviária de Seul. Inicia-se, então, uma busca aflitiva por Park So-nyo, narrada pelos filhos, pelo marido e por ela mesma, de forma intimista, pontuada de remorsos e da constatação de que, de fato, nenhum deles a conhecia verdadeiramente.

O Concurso Internacional de Resenhas de Literatura Coreana, aberto a leitores de 15 anos ou mais, em todo o território brasileiro e dos países lusófonos, em duas categorias: Ensino Médio e Livre, registrou 371 inscrições.

O resultado será divulgado no dia 21 de junho e os prêmios para as três melhores resenhas em cada uma das categorias serão entregues no dia 9 de julho, durante a realização do Festival República da Coreia 2021.

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA ANE

Aos associados, diretores, conselheiros e funcionários da ANE

Dois meses e meio depois de ser infectado pelo coronavírus, hospitalizado e diagnosticado em estado grave, estou, a partir de hoje, segunda-feira, 7 de junho de 2021, de volta à ANE e a sua presidência estatutária, retomando os deveres a que dediquei, nos últimos seis anos, de modo incondicional, os esforços que estiveram a meu alcance.

Com a brevidade razoavelmente possível, será publicado edital de convocação para a realização de AGO, na qual deverá ser eleita a diretoria que comandará a ANE no biênio 2021/23, além de outras deliberações previstas no Estatuto.

Sou grato aos associados, dirigentes e funcionários pela solidariedade demonstrada no período mais crítico de minha enfermidade e pelo apoio na condução administrativa de nossa casa de escritores. A ANE, mais do que nunca, precisa do empenho de todos, visando a confirmar, sem solução de continuidade, sua importante e tradicional presença no cenário cultural da Capital da República.

Muito cordialmente,

Fabio de Sousa Coutinho

PAIXÃO PLATÔNICA

Jolimar Corrêa Pinto

Tu me atraíste à primeira vista,
Parecias um ser inatingível,
Mas me envolveu o teu encantamento...
Propus-me, então, a realizar os sonhos.
Te abordei e vi que eras real
Qual flor de lírio em águas pantanosas.
Era a opulência em plena floração
E fui aceito a percorrer teu corpo,
As tuas curvas tão harmoniosas.
Tu me abriste a mente e o coração,
Conjugamos maravilhosos versos,
Noite e dia curtimos as delícias
De todos os instantes conjugados.
(Nós nos apaixonamos, né, Brasília)

MEMÓRIA
UMA MÃE REFÉM DO SEU TEMPO

Salomão Sousa

Existe por aí uma enxurrada de mensagens com sugestão para que as pessoas acreditem em seus sonhos para que eles se realizem. Mensagens que abarcam, às vezes, livros inteiros, carregadas de imenso oportunismo, pois se esquecem de tratar da principal questão da trajetória de um indivíduo: só é possível sonhar com aquilo que se conhece e tem domínio, e que só é possível realizar aquilo que se tem como objetivo com ferramentas disponíveis. Essas propostas constroem mais Inferno que imagem de Paraíso, pois não ensinam a construir ferramentas, não as ofertam e muito menos acrescentam riqueza imaterial à vida das pessoas. Quando se fala tanto em Inferno (o Inferno nasce do isolamento, da dominação, do atrofiamento do acesso ao conhecimento) só é possível gerar pesadelos. As pessoas precisam de conhecimento. O conhecimento é a ferramenta imprescindível para que as pessoas consigam sonhar, realizar aquilo que os sonhos projetam e construir ferramentas de libertação.

Em 20.04.2021, Maria Delmira de Sousa completou – firme e forte – os seus noventa anos. No entanto, magoada com seu passado, pois tomou consciência do subjugamento a que foi submetida ao longo da vida. Quando jovem, foi negado a ela conhecer outras realidades e, sobretudo, não ofereceram a ela nenhum rudimento para que pudesse descobrir formas corretas de arquitetar a própria vida, de construir sonhos e concretizá-los. Foi fechada numa realidade limitadora e de aprisionamento. Seu caso não era um caso isolado, só de minha mãe, mas de todas as meninas que nasciam naquele processo medieval em que o Centro-Oeste brasileiro estava socado nos meados do Século XX, quando estava avançada a revolução industrial e a Europa buscava a emancipação da mulher.

A família de minha mãe – um ramo da família Sousa de Tomé de Sousa – chegou ao município de Silvânia no fim do século XIX, oriunda de Minas Gerais, região onde deixavam de existir terras para serem adquiridas para exploração da agricultura e da pecuária. O sistema de acesso à terra no Brasil era o de concessão aos apadrinhados do Poder (do grande latifúndio). Esse sistema afastou até a imigração de europeus mais endinheirados. Os imigrantes passaram a escolher os Estados Unidos da América, já que, de antemão, sabiam que não era possível comprar terras no Brasil. Este é um dos fatores apontados por recentes historiadores pelo grande atraso do desenvolvimento econômico brasileiro (e, recentemente, de ameaça à democracia).

Esse ramo da família Sousa – do qual não se tem notícia de que algum membro tenha tido acesso a curso superior ou a cargo público até o advento dos anos 1980 –, portanto, no fim do século XIX, comprou terras na região do Rio dos Bois e Rio Calvo, quando o país vivia um período de necessidade de ocupação territorial interiorizada. Os imigrantes do Centro Oeste ficavam limitados à produção de bens para a sobrevivência – naquela época, ainda era proibida por lei a exploração da terra para produção agrícola e pecuária visando a comercialização. A população rural vivia do escambo de produtos e troca de dias de trabalho e mutirões. As pequenas fazendas tinham de produzir praticamente tudo o que precisava para consumir. Produziam o próprio mobiliário, a própria vestimenta e os alimentos de consumo. Meu avô, diante dessa exigência, viu-se obrigado a ser artesão. Produzia artefatos de couro, madeira e taboca. Produzia todos os tipos de corda, armadilhas para pesca, tamboretes, jacás, esteiras para carro, aguardente, utensílios de cozinha, tais como almofarizes, gamelas e colheres de pau. Um de meus passatempos, quando criança, e certamente terá sido de minha mãe, era acompanhá-lo, ajudando, observando, enquanto ele trabalhava. Sansão Fernandes era praticamente o único alfabetizado da região. Permitiria a alfabetização dos filhos homens, mas não das mulheres.

Quando ela se casou, o seu jovem marido ergueu uma pequena casa de adobes e um paiol na sede da fazenda de meu avô Sansão Fernandes de Sousa. Para lá Maria Delmira foi levada com as raras vaquinhas da herança de João Miguel Bento. Podemos dizer que "foi levada", pois certamente não foi decisão dela, de forma consciente, ir para aquela casa sem reboco ou caiação, de pé direito onde mal dava para um homem ficar de pé. Morariam por uns dezesseis anos naquela casa de menos de oitenta metros quadrados, com poucos utensílios. Nesse período, nenhuma riqueza eles construíram, a não ser aumentar a família com quatro filhos e o rebanho com umas dez cabeças.

A pequena casa, ou choça, tinha acesso a todas as peçonhas, inclusive ao famigerado barbeiro da doença de Chagas, praga que, até por volta de 1980, atingia quase 80 por cento da população da zona rural de Silvânia.

Meu pai também vinha de uma família de origens similares à de Maria Delmira. Ficou órfão muito cedo, sendo absorvido pela família do irmão mais velho, sendo tratado da mesma forma que minha mãe. Refém do trabalho, sem direito à alfabetização e, quiçá, sem direito à herança dos pais, pois o que herdou no momento em que se casou não cobria o valor do trabalho que prestou ao irmão mais velho por uns 10 anos. Nesse período, morou num ambiente de absurda degradação. O barracão servia de cozinha, quarto, sala – uma chafurda de meninos e de meninas e de fumaça da fornalha.

Ela estava com 23 anos quando nasci, e meu irmão mais velho, com quatro, nada compreendia, pois sua idade mental equivale à de uma criança de dois anos (talvez menos). Maria Delmira praticamente foi posta para fora de casa. Naqueles idos de 1947, as famílias, além de não alfabetizarem as filhas, tornavam-nas reféns do trabalho doméstico da casa dos pais até chegarem à mínima idade para serem dadas em casamento. Depois se tornariam reféns da própria casa ainda crianças. Nas formas mais adversas de trabalho, sem atendimento médico, com os partos nas condições mais abjetas, era natural o nascimento de filhos deficientes mentais, que transformavam as filhas mulheres ainda mais prisioneiras, não só da vida doméstica insana, mas da insanidade em si mesma, como foram os casos de Maria Delmira e de sua irmã Antônia Criola (outra que padeceu o pão que o diabo amassou).

É necessário reconhecer que, nos anos que viveu na zona rural, Maria Delmira foi refém do trabalho, dos filhos, da solidão e da escuridão dos dias de chuva e das noites. O marido ia trabalhar e raramente tinha alguém para dividir a faina ou para lhe fazer companhia. Até os meus doze anos, ela foi praticamente a minha única companhia, se não contarmos os animais. Eu tinha de transformar em brincadeira o trabalho que fazia para auxiliá-la. Ela tinha de produzir tecidos desde a origem. Meu pai colhia o algodão, ela e eu descaroçávamos, ela cardava, fazia um mutirão para fiar. E depois tinha de costurar na máquina da vovó Candinha. Fazia queijos, cozinhava, alimentava os filhos e animais, destrinchava e fritava porcos e vigiava o filho deficiente para que ele não desaparecesse pelas estradas. Se visitava os pais no fim de semana, continuava na mesma labuta para ajudá-los.

Em agosto de 1964, João Miguel gambirou o rebanho de trinta e poucas reses numa casa em Silvânia. O casal não alcançou nenhum conforto nessa mudança. As terras disponíveis para trabalho ficavam distantes e João Miguel era obrigado a passar a semana inteira fora de casa em ranchos improvisados nos roçados. Quando estava cursando a faculdade, estive numa das últimas roças que ele manteve. É de penúria a minha lembrança. Ele de cócoras, cigarro de palha entre os dedos, respiração ofegante, desanimado debaixo de um arbusto, no meio da plantação chocha de milho. Olhar distante, ciente da incerta colheita e da certeza do inglório destino.

Maria Delmira ficava só com os filhos durante os dias da semana. Com a paulatina debilitação física do marido em consequência do desenvolvimento da doença de Chagas e, logo em seguida, com seu falecimento, viu-se em total desamparo com seus filhos.

Quando ficou viúva, sobretudo com o apoio dos dois filhos do meio, dos seis que ela gerou, teve de enfrentar total penúria econômica. Eu me encontrava em Brasília, tentando construir arcabouços para construção de uma realidade menos desfavorável, quase não contribuindo para minorar as suas dificuldades, pois a minha vida também era de penúria em barracos de tábuas cheios de frinchas, em Taguatinga Sul. Inclusive de penúria de conhecimento da realidade familiar. Na época, com o legado daquelas condições medievais, era difícil saber construir alternativas para encaminhamento econômico, seja de filhos em relação aos pais ou de pais em relação aos filhos. Maria Delmira teve de raspar osso, literalmente, para sobreviver com seus filhos mais novos.

Dentro dessa realidade, três filhos também se sacrificaram, ficando sem acesso ao ensino superior. Mas construíram com esforço sobre-humano o patrimônio familiar, com a honradez herdada da matriarca. Hoje ela chora e diz: "Não podiam ter feito isso comigo".

Se tivesse sido oferecido a ela o conhecimento, tenho certeza que ela teria construído outra vida para si e para os filhos. Teria esboçado sonhos. A realização de seus sonhos teria sido factível. Aos noventa anos, ela sonha e não tem mais forças para alcançá-los. Não conseguimos reconstruir o passado, mas podemos trabalhar para que o futuro de nossos descendentes seja esboçado com melhor consciência e liberdade (sem os freios do amordaçamento das práticas medievais de domínio e subjugação), que só se alcança com conhecimento.

MENSAGEIRA DAS ÁGUAS

Sandra Maria

Ana viu a canoa de novo, subindo o rio. E de novo. A canoa só subia o rio.

Rio de águas rasas no leito de pedras.

Era a mesma canoa. Tinha na proa as letras AL.

Ana tirava a roupa do varal quando viu a canoa chegando.

Desta vez a canoa parou. Ana viu quando ela veio devagarinho e parou. Ancorou. Vazia.

Ana deu mais uma olhada e entrou, ainda de dia.

Ana olhou para fora de noitinha. A lua batia na canoa imóvel. Amanheceram muitos dias. Anoiteceram outras tantas noites. A canoa lá.

Chovia.

Quando secou, Ana desceu a trilha, parou no barranco e olhou. A canoa se moveu, ou a água moveu a canoa.

"Vem", disse a canoa.

Ana foi e viu o livro dentro da canoa. Era uma canoa pequena. A canoa balançou, e o vento farfalhou as folhas do livro e o abriu como um leque, e depois o fechou. Ana ficou olhando. O ventou bateu de novo e abriu as folhas como se fossem cartas de baralho, uma após a outra, e depois as fechou.

Ana voltou para casa.

Foi ficando de noitinha. Antes de fechar a janela, Ana olhou e viu a lua batendo na canoa.

"Boa noite", disse a canoa.

Boa noite, pensou Ana.

De manhã, Ana desceu de novo o atalho. No ancoradouro parou.

A canoa disse de novo *"Vem"*.

Ana chegou mais perto. Tentou alcançar a canoa. Não conseguiu.

O vento bateu e a canoa se moveu assim de ladinho tentando encostar de parelha com a beirada do ancoradouro. Como um cavalo faz quando beira a cerca e se movimenta de banda e se aproxima para o cavaleiro abrir a tramela da porteira de lado.

A canoa suavemente chegou juntinho. Ana olhou o livro. E ele farfalhou. As folhas se moveram como uma sequência de peças de dominó, caindo aos poucos, uma a uma, umas sobre as outras. Ela olhou o livro mais de perto.

O livro disse:

"Me pega."

E ela pegou o livro.

A canoa fez um movimento de inspiração profunda e parecia que tinha inchado. Depois, se aquietou, aliviada.

Ana segurou o livro. A capa em branco, o papel amarelado. Como seus cabelos brancos amarelados de sol e descuido na seca do cerrado.

Devagarinho subiu a encosta. Entrou em casa. Sentou-se à mesa de madeira. Olhou o livro.

O livro disse: *"Me abre"*.

Ela abriu o livro devagarinho. A primeira página em branco, e a segunda também e a terceira. Ela então folheou o livro. Nada escrito.

Algo caiu. Voou como uma folha. Uma carta. A carta disse: "Me lê".

Ela leu: *"Sou eu. Aquele que sempre foi seu. Sempre"*, confessou a carta. Ana fechou os olhos. Era dele! Era ele! L!

O coração disparou.

Não conhecia a letra dele. Naquele tempo eles não sabiam escrever. Mas já sabiam dizer...

"Eu te amo!" interrompeu a carta. Eu também, pensou Ana. E se acalmou. *"Ainda tem o meu retrato?"* perguntou a carta.

Tenho, pensou Ana.

Olhou lá para cima da prateleira. A mala antiga. Desceu a mala. Abriu. Na caixinha, quase desfalecida de velha, o retrato no envelope. Desbotado do suor de suas mãos. Abriu o envelope e mirou o retrato. O retrato se coloriu todo e botou verde nos olhos apagados e sorriso na boca fechada.

"Vem cá", chamou a carta.

Ela voltou à mesa.

"Vim te buscar", revelou a carta. *"Vem"*.

Vou, pensou Ana e foi dormir. De mãos dadas com a carta.

De manhã cedinho acordou, vestiu sua roupa mais nova. Já tinha uma dúzia de anos, mas estava nova. Calçou sapatos que não calçava há um tempão. Não tinha batom. Ia assim mesmo. Pegou só a carta.

"Estou te esperando", sussurrou a carta.

Deixou a porta da cabana aberta para quem chegasse. A canoa estava lá, do mesmo jeito. Entrou. Devagarinho a canoa se moveu e começou a descer o rio. O sol brilhou.

A canoa tomou o lado direito do rio, na direção da correnteza.

O rio segue para a esquerda, pensou Ana, e suspirou.

"Fica tranquila" disse a carta. Ana ficou.

"Confia" pediu a carta *"Um livro não pode ter páginas em branco"*.

Não, pensou Ana. E se lembrou de que deixara o livro sobre a mesa.

"Vamos escrever o nosso livro" prometeu a carta.

E a canoa seguiu. O rio bifurcou para águas mais calmas, mas a canoa não virou à esquerda. Seguiu a correnteza.

Estou feliz, pensou Ana.

"Eu também", disse a carta.

Quando Ana viu a corredeira à frente, lá longe, ela já sabia que a queda d'água estava além.

Quando ouviu o barulho das águas, Ana não teve medo. Estava pronta. De mãos dadas com a carta.

"Me vira", disse a página.
Na aventura de viver
o monograma,
cedo ou tarde
quando o longe chama,
enfrentamos o desconhecido
(que nossa emoção
de há muito
já conhece
e deseja).

E quando amanhece,
deixar para trás o papel vazio
sobre a mesa,
e ter a coragem
de ir ao encontro
das águas.

Sempre é tempo
de ouvir o amor,
bálsamo que acalma
o inquieto procurar
do coração,
de levar só os sonhos
na alma
e a carta,
na palma
da mão.

(E lá vem a canoa subindo de novo o rio.
E de novo.
Nas margens da vida,
vidas esperam para viver.)

Do livro *No verso do caso,* Volume I – Goiânia, Cânone Editorial, 2019.

INSTANTE ETERNO

sôniahelena

Para, relógio do tempo.
Deixa ficar este instante eterno.
Deixa viver esta existência única.
Permite que eu guarde pra sempre a emoção de existir.
Permite que eu agradeça a alegria de viver.
Quando mais tarde, talvez,
alguém perguntar o que fiz,
direi apenas: senti,
amei, sonhei, vivi.

(Do livro *Fragmentos de mim* – 1990)

Continuação da página 1

UBALDO, O BRASILEIRO

Edmílson Caminha

Falecido em 2014, João Ubaldo chegaria, neste 2021, aos 80 anos, certamente em meio a novos mergulhos com que descia ao passado para melhor nos compreender, como povo, como estado e como nação.

• • •

São muitas as semelhanças, estruturais e funcionais, entre *Sargento Getúlio* e *Grande sertão: veredas*. A narrativa ubaldiana se faz, predominantemente, por um sinuoso monólogo do militar protagonista, a exemplo do jagunço Riobaldo na epopeia de Rosa. Em longos parágrafos (o primeiro se estende por 14 páginas), dá-se a conhecer um dos grandes personagens da ficção brasileira, magistralmente composto a partir de certo desajuste: embora simples sargento da polícia militar de um pequeno estado como Sergipe, em meio à agitação política e à pobreza econômica do Brasil na década de 1950, não se esperam a indigência mental, o primarismo das ideias e a conduta violenta que lhe definem a personalidade, caracteres próprios de um cangaceiro, não de um defensor da lei. Para homens assim, o cumprimento de ordens, sobretudo se em nome do governo, é questão de honra. Simpatizante do PSD, o Partido Social Democrático das oligarquias rurais vitoriosas com Dutra na eleição para presidente em 1945, Getúlio fora incumbido por um preposto da agremiação: conduzir com o chofer Amaro, da cidade de Paulo Afonso à de Barra dos Coqueiros, um preso ligado à então oposicionista UDN – personagem da qual, significativamente, não se sabe o nome. Simboliza as pessoas que, perseguidas pelos donos do poder, perdem tudo, até o nome, condenadas que se veem à prisão, à tortura, à morte e às abjetas listas de "desaparecidos".

Tamanho é o rancor do sargento contra quem recebeu mais da vida que até a pouca escolaridade da vítima o enfurece, em uma das melhores passagens do romance, magistralmente interpretada por Lima Duarte no filme homônimo de Hermano Penna, lançado em 1983. Brilhante, o ator como que se apodera da personagem, que passa a ter, para o leitor, a fisionomia e a voz com que ganhou vida no cinema:

> (...) não me incomodo se vosmecê me diz que tem ginásio. (...) olhe o desgramado, espie aí, Amaro! fugir pra Paulo Afonso, ora fugir pra Paulo Afonso, fugir pra Paulo Afonso feito uma vaca, bexiguento! fugir pra Paulo Afonso, pra Paulo Afonso, ia nos infernos, viu, cão da pustema apustemado, lhe faço uma desgraça, pirobo senvergonho, pirobão sacano, xibungo bexiguento chuparino do cão da gota do estupor balaio, mija na vareta, tem ginásio, tem ginásio! nunca vi ginásio fazer caráter, não responda porque é melhor, lhe meto a cabeça num bocapio e deixo o resto com os guarás, cachorro bexiguento, está pensando o quê, agora responda, capão do rabo entortado, peste!

Limitada e rasteira, a visão de mundo do sargento não lhe permite compreender a política como ela é (diria Nelson Rodrigues), a ausência de escrúpulos, de valores morais e de princípios éticos que podem deixá-la repentinamente de cabeça para baixo. No meio do caminho, chega-lhe a notícia de uma contravolta no governo sergipano, com o que se devia libertar o prisioneiro, isento de culpas como se vítima fosse de um lamentável engano. Demais para a cabeça bronca de Getúlio – preso era preso, e haveria de levá-lo a destino por cima de pau e pedra, nem que tivesse de matar ou morrer:

> É preciso entregar o bicho. Entrego e digo: ordem cumprida. Depois, o resto se aguenta-se como for, mas a entrega já foi feita, não sou homem de parar no meio. Se for assim mesmo como se diz que é, espero as outras ordens, porque essa está dada e nem ele que viesse aqui e me pedisse para não levar eu não deixava de não levar, porque possa ser que ele esteja somente querendo me livrar de encrenca e eu não tenho medo de encrenca, eu levo esse lixo de qualquer jeito, chego lá e entrego. Nem que eu estupore.
>
> Não gosto que o mundo mude, me dá uma agonia, fico sem saber o que fazer. É por isso que eu só posso ter de levar esse traste para Aracaju e entregar.

Uma história, segundo o autor, de "aretê", vocábulo não de origem africana, como enganosamente parece, mas de etimologia grega, em louvor de quem faça o que dele se espera. Destino, claro, cumprido pelo sargento à sua maneira, com a exorbitância que lembra a sábia observação de Pedro Aleixo, o vice-presidente da república que se manifestara contra os excessos do AI-5: "Tenho medo não de ministros e de governadores, mas do que poderá fazer com tantos poderes o guarda da esquina". O pequeno soba, tanto mais truculento quanto mais insignificante, que João Ubaldo Ribeiro personificou com maestria na criação do seu Getúlio.

• • •

Quando escrevi, em 1985, sobre *Viva o povo brasileiro*, então recém-lançado, disse que me parecera uma alegoria imponente, um admirável samba-enredo pronto para ser levado à avenida – como fez a escola Império da Tijuca, dois anos depois. Se a grandeza do *Sargento Getúlio* se revela, principalmente, na invenção da linguagem, nesse outro romance ela está mesmo na história – que, ao fim, não é senão a nossa História. Porque *Viva o povo brasileiro* é exatamente isto: um amplo e carnavalesco painel da história do Brasil, amada e desprezada, gloriosa e acanhada, heroica e ridícula, tudo a um só tempo.

A ação começa em 1647, com o instinto de nacionalidade afirmando-se na luta contra os holandeses; passa pela Revolução Farroupilha, pela Guerra do Paraguai, pela Abolição da Escravatura, pela Proclamação da República, pela Campanha de Canudos para chegar, afinal, aos dias tenebrosos da ditadura Médici. São três séculos de história a que o povo resistiu só Deus sabe como, pois muitas vezes as coisas se mostraram francamente contra ele. Adversidades a que se devem alguns dos mais bem-acabados personagens da nossa literatura, primos legítimos de Macunaíma, pelo caráter autenticamente brasileiro, em todos os sentidos. Caboco Capiroba, de tanto ouvir anátemas dos jesuítas contra o canibalismo, termina por se dedicar à criação de holandeses para corte. Perilo Ambrósio, em meio a uma viagem, resolve dispor dos dois escravos que o pajeiam da maneira que mais lhe convém: sangra um, embebe as vestes de sangue, corta a língua do outro e vira herói de guerra nas primeiras lutas contra os portugueses, o que lhe valerá, depois, o pomposo título de Barão de Pirapuama. Amleto Ferreira, mestiço e bastardo, consegue, à custa de muita lábia e propina, adulterar a certidão de nascimento e passa a ser Amleto Henrique Nobre Ferreira-Dutton, de indiscutível ascendência inglesa. Um dos seus filhos, Bonifácio Odulfo, de poeta ultrarromântico passa a empresário dos mais calculistas; outro, Patrício Macário, é tido por doido e mandado para o Exército, onde acaba general. Autênticos cidadãos brasileiros, como se vê...

Personagens mais significativas são os negros e mulatos, que chegam a dominar três quartas partes do romance: Budião, Feliciano, Negro Leléu, Júlio Dandão, Turíbio Cafubá, Venância e, sobretudo, Maria da Fé, meio gente, meio mito, mulher forte da galeria literária a que pertencem Luzia-Homem, de Domingos Olímpio, e Maria Moura, de Rachel de Queiroz. Por ela se apaixona o general Macário, como, exatamente um século depois, o capitão Lamarca por Iara Iavelberg, a guerrilheira de quem devia ser perseguidor, não amante. Outras referências uma leitura mais cuidadosa põe à vista em *Viva o povo brasileiro*: Amleto e seu ajudante, Horácio, remetem-nos diretamente à tragédia de Shakespeare; a decisão de Oxóssi, Xangô, Ogum, Oxalá, Iansã e Exu intervirem na Batalha de Tuiuti lembra Homero, que pôs em concílio os deuses do Olimpo, e Camões, que os reúne no canto primeiro d'*Os Lusíadas* em favor dos navegantes.

Quando, em 1989, Ana Maria e eu fomos à ilha de Itaparica levados por João Carlos Teixeira Gomes, Ubaldo vivia na Alemanha. Do ilhéu que oficialmente o representava ganhamos um exemplar de *Viva o povo brasileiro*, com o mandato que o enriquece: "Nomeio José de Honorina meu bastante procurador para dedicar este livro, que já vai autografado".

Esse, o brasileiro contador de histórias que em 2021 chegaria aos 80 anos, sobre quem muito afetuosamente escreveu a também romancista Ana Miranda:

João Ubaldo tenta, mas não consegue esconder sua imensa erudição, ela está presente na sua fala e nos seus livros, porém é tratada por ele como apenas um detalhe sem importância (o que é verdade, no seu caso), apesar das suas citações latinas, seus textos shakespearianos recitados com voz de tenor, seu inglês perfeito, sua peixada, sua virilidade sergipana, sua volúpia literária. Ler seus livros é sempre uma aventura de conhecimento, um mergulho na alma das pessoas e na forma mais encantadora de ser brasileiro. Sei o quanto lhe deve custar chegar ao fim de cada romance. É um escritor de grandiosidade e coragem. Sua postura como ser humano é da maior honestidade e pureza.

O CLAUSTRO E A JANELA CALEIDOSCÓPICA

Gilmar Duarte Rocha

Na última semana de março de 2020, o gerente chegou ao nosso setor de trabalho, uma baía ampla, arejada e acarpetada, localizada no 11º. andar de um prédio do Setor Bancário Sul de Brasília, com vista ancha e panorâmica para a Esplanada dos Ministérios de um lado; para o Eixo Monumental de outro e sob outro ângulo, para o vale de múltiplas pistas paralelas do Eixo Rodoviário Sul, e decretou:

— Todos vocês, independente de idade, estão liberados para o trabalho de home office, por determinação da direção, em virtude das regras de isolamento social decretadas pelo governo do Distrito Federal face à pandemia da COVID-19.

Logicamente, a totalidade dos analistas sabia o conceito de home office, mas poucos, ou quase ninguém ali, havia experimentado esta moderna forma de trabalho. Após arrumação e ajustes dos materiais cibernéticos que nos possibilitariam empreender tal forma de labor em nossa própria residência, em dois ou três dias, nós já estávamos nos vendo, nos comunicando e interagindo profissional e afetivamente através de janelas virtuais; pequenas janelas; múltiplas janelas; janela de comunicação; janela de passagem de tarefas; janela de instruções; janela de desenho de projetos; janela de construção de aplicativos, etc.

O mês de março findou; o mês de abril chegou, o outono chegou, mas de todas as janelas, a janela física do meu gabinete, que se tornou escritório de trabalho, começou a ganhar protagonismo, pois se tornou o elo principal entre o meu estado de confinamento e o mundo exterior, com o detalhe adicional de que a minha mesa de trabalho fica a meio metro de distância da mencionada janela.

O outono passava e, sempre que o trabalho permitia, eu ouvia o noticiário da TV mencionando a curva crescente de contaminados pelo novo coronavírus, o incremento de mortes, o descaso de autoridades em relação à praga, o negacionismo de setores importantes da sociedade, o entra e sai de ministros da Saúde e eu olhava a janela, peremptoriamente, e via que o tempo quente e chuvoso, característico de fim de verão, cedia lugar ao clima ameno e isento de chuva.

O tempo passava; os dias passavam; o inverno chegou; a chuva desapareceu de vez. As janelas do meu computador continuavam com as mesmas características, mas a minha janela física, de vidro e esquadrias de aço, me pedia que eu a mantivesse fechada, pois o ambiente externo não estava mais solar; o céu ficou desprovido de nuvens e ganhou um cinza predominantemente apático, sem vida. O clima também me impeliu a usar casacos, pois apesar de a janela estar cerrada, os graus centígrados geralmente acusavam números inferiores a 12 graus. E a TV, que sempre estava ligada na sala, me repassava notícias nada alvissareiras, tanto no plano médico e sanitário, quanto no âmbito político. No auge do inverno, os âncoras de televisão berravam que atingíamos o pico do índice de contaminação e o número de mortes batia todos os recordes. Preocupava-me, ademais, com isso, visto que possuo parentes em profusão em vários estados da federação. No prisma político, as notícias, além de serem desanimadoras, beiravam a insanidade, pois o líder maior da República questionava a Constituição e ameaçava as instituições com a decretação de um golpe de estado em plena pandemia. Segundo fontes seguras, consta que generais e outras figuras sombrias se reuniram na calada de uma noite invernosa e por pouco o ato inconstitucional não foi promulgado. Inclusive da minha janela, nessa fatídica noite, e vislumbrei lampejos de fogos que explodiam nas bandas da Praça dos Três Poderes, que vim saber, no dia seguinte, tratar-se de uma manifestação de fascistas, apoiadores do líder insatisfeito com a lei vigente, que protestavam contra a Corte Suprema do país, disparando fogos em direção às dependências da sede do judiciário nacional.

Os dias passavam, o frio persistia, as pessoas nas quadras lá embaixo escasseavam, os números da praga agora estagnavam, ainda bastante altos, num platô longo e perigoso. Pessoas morriam; amigos morriam; três parentes morreram, o golpe felizmente não aconteceu, o clima político arrefecia, por motivos diversos, mas a rotina triste, sombria, desmotivadora perdurava e dominava tudo.

Setembro, a estação das flores, finalmente chegou e com ele uma massa de ar quente, insuportável, pairou de vez sobre a cidade. Escancarei a janela, abri portas, tirei camisa, só faltei ficar nu. Sentia agora que os trinados das aves voltavam, em especial o canto mavioso dos sabiás. O céu, antes sombrio, voltou a ficar solar. Lá fora, o ambiente de repente ficou agitado: pessoas falando alto, vendedores de pamonha anunciando o seu produto a plenos pulmões, prestadores de serviço de conserto doméstico, fofoqueiras de plantão, enfim, a vida parecia voltar ao normal.

O calor no fim da primavera já não era mais quente; era tórrido. Beirava os 40 graus. Não adiantava mais escancarar as portas e a janela. Recorri ao aparelho portátil de refrigeração de ar, que deixava sempre na sala, e o remanejei para o meu escritório improvisado. Primeira vez durante os quatro, cinco meses de clausura que eu tive que fechar literalmente a janela e a cortina, pois o ar portátil, para funcionar com eficácia, não permitia que deixasse os raios ardentes do sol atravessarem os vitrais para passagem de luz.

Fiquei quase duas semanas em completa escuridão. Via apenas a luz do meu computador. Com a chegada de outubro, o calor arrefeceu, as cortinas puderam ser recolhidas, a janela voltou a ficar aberta, a insanidade oficial retrocedeu, as vozes democratas retornaram às ruas e o chiado das cigarras pôde ser ouvido após dois anos de ausência. E a notícia de que os testes de vacinas contra a peste estavam em estado bastante avançados, era por demais auspiciosa.

Agora, enquanto encerro estas linhas, a janela está semicerrada, o clima está instável, nem tanto quente, nem tanto frio. A chuva fina e ocasional credencia a aproximação lenta de um verão carregado de augúrios, de bons augúrios pela nossa vontade, pelo aparecimento de uma vacina que comece a expulsar o vírus letal da face da terra.

O verão se aproxima lentamente. Imagens variadas, sob efeito ou não da luz, continuarão a aparecer na minha janela caleidoscópica. Até quanto tempo ficarei trabalhando nesta condição, não sei. Apenas espero que as coisas fiquem melhores para todos nós e para que pessoas como eu, ciosas com o bem-estar e com a saúde, possam viver a vida além de uma simples janela; possam andar, trabalhar e se locomover livremente, com saúde e liberdade.

INCOMODAÇÃO

Hilda Mendonça

O branco continua a desafiar-me neste papel!
Versos que pululavam em minha mente jazem
no branco deste papel.
Tudo que poderia ter sido escrito, não foi,
no branco deste papel.
Versos em compasso de espera
como nubente aos pés do altar.
Madrugada já vem,
breve a noite desvendará seu rótulo...
Daqui a um século que importará se esses versos
foram escritos ou não?
Madrugada anuncia
a malemolência do dia...
E o papel airoso em seu branco a me dizer:
– Venci!

Hilda Mendonça * 1939 +2021

PLÁCIDO DE CASTRO

Ariovaldo Pereira de Souza

Entre 1877 e 1879, o Nordeste brasileiro sofre uma das piores secas de sua história. Somente do Ceará, mais de 65 mil pessoas partiram para a Amazônia, acossadas pelo flagelo natural e pela crise da economia agrária. Esse contingente humano vai servir de mão de obra nos seringais, avançando a fronteira do extrativismo. Em pouco tempo, a maioria desses cearenses entra pelo rio Purus, ocupando zonas ricas em seringueiras. No fim da década estarão no Acre, território reivindicado por Bolívia, Brasil e Peru. Os bolivianos, impotentes para impedir a invasão brasileira, associam-se a grupos econômicos europeus e norte-americanos, fundando o Bolivian Syndicate, que se encarregaria de garantir o domínio boliviano no território e explorar os recursos naturais pelo prazo de dez anos. Os empresários brasileiros decidem enfrentar a ameaça apresentada por tão poderosa associação. Em maio de 1899, aproveitando a madrugada, o navio de guerra norte-americano Wilmington parte do porto de Belém e ilegalmente navega rio Amazonas acima, rumo ao Acre. O navio é interceptado perto de Manaus e o governo brasileiro protesta junto ao governo dos Estados Unidos, provocando uma deteriorização nas relações dos dois países. No dia 14 de julho de 1899, com o apoio de políticos e empresários amazonenses, o aventureiro espanhol Luiz Galvez Rodrigues de Arias, à frente de um exército de boêmios e artistas de teatro, ocupa o território e funda o Estado Independente do Acre, sendo deposto no fim do mesmo ano, por uma flotilha da Marinha brasileira. Era uma demonstração, um tanto burlesca, é certo, das intenções dos empresários amazonenses. No dia 6 de agosto de 1902, comandando um exército de guerrilheiros recrutados entre seringueiros, o jovem Plácido de Castro, gaúcho de São Gabriel, Rio Grande do Sul, entra na cidade de Xapuri e, após prender o intendente boliviano Juan de Dios Barrientos, proclama novamente Estado Independente do Acre. Nos próximos meses, este estrategista talentoso, com homens de pouca instrução militar, mobilizará uma guerra contra o Exército boliviano, criando uma situação de fato naqueles territórios cobiçados. O governo brasileiro, temendo a ampliação do conflito, manda ocupar o Acre, obrigar Plácido de Castro a depor as armas e levar a questão para a mesa diplomática. Nos anos seguintes, autoridades bolivianas assinam o Tratado de Petrópolis, no qual concordam em vender um território de 191 quilômetros quadrados para o Brasil, pelo preço de dois milhões de libras esterlinas. Plácido de Castro, o comandante do Exército acreano que em 1902 conquistou o território cobiçado por um consórcio imperialista, também ousou, na prática, contestar o poder dos coronéis de barranco. Esse gaúcho íntegro e competente que, ao lado de miseráveis seringueiros, derrotou o Bolivian Syndicate e anexou o Acre ao Brasil, não era apenas um chefe militar de forte liderança. Ele combatia a monocultura cega da borracha, vislumbrava sua futura decadência e preocupava-se com o sistema retrógrado dos seringais. Foi ele o primeiro a tentar, em suas terras no Acre, uma diversificação agrícola por meios modernos, usando adubos e máquinas para melhorar a produção. Pagou com a própria vida a ousadia de desafiar homens tão poderosos (*História da Amazônia*, obra de Márcio Souza, pág. 241).

O INTERNACIONAL

Enéas Athanázio

É provável que muitos não se lembrem, mas existiu um trem internacional que cortava nosso Estado pelo meio-oeste, mais precisamente pelo Vale do Rio do Peixe. Tratava-se de uma composição de luxo, com vagões blindados e todo conforto. Possuía vagão-restaurante, cabines com leitos, fumódromo com poltronas elegantes e garçons solícitos que percorriam os corredores servindo bebidas, petiscos e até mesmo jornais e revistas. Como era uma composição curta, atingia velocidade média bem superior à dos demais trens de passageiros. Além disso, não fazia escala nas pequenas estações, parando apenas nas mais importantes e por poucos minutos. Nas estações menores limitava-se a reduzir a marcha ao entrar no quadro para que o maquinista recebesse do agente o "pode", ou seja, o passe que permitia o prosseguimento da viagem com a linha livre de outros trens.

O Internacional partia de São Paulo e só fazia escalas em poucas estações de cidades maiores, como Ponta Grossa, Porto União da Vitória, Caçador, Joaçaba e Marcelino Ramos antes de chegar a Porto Alegre, de onde prosseguia até Buenos Aires, após receber novas locomotivas. No território dos Estados do Paraná e Santa Catarina era mantido e dirigido pela Rede Viação Paraná-Santa Catarina (RVPSC) e no Rio Grande do Sul pela Viação Férrea Rio Grande do Sul (VFRGS).

A composição era tirada por locomotivas grandes e possantes, lembrando-se as de números 620 e 644, ambas movidas a lenha como as "marias-fumaças" em geral. Essas locomotivas sempre foram admiradas pela potência e pela elegância de seu porte. Mantidas em plena forma, apresentavam-se reluzentes como novas.

A passagem do Internacional pelas cidades menores, mesmo não fazendo escalas, era aguardada com curiosidade e muitas pessoas acorriam às plataformas das estações para apreciar o monstro negro e iluminado que avançava orgulhoso em direção a mundos diferentes. Em cidades maiores, onde fazia uma breve parada, constituía objeto de geral curiosidade e as pessoas o contemplavam com interesse. O trem aceitava passageiros para os trechos entre as cidades maiores e graças a isso tive ocasião de viajar nele algumas vezes. Comentava-se que só ferroviários mais qualificados prestavam seus serviços nesse trem. Inspetores, chefes-de-trem, maquinistas, foguistas, guarda-freios eram selecionados entre os mais esclarecidos e educados.

Como seria previsível, o Internacional provocou muita matéria de jornal e entrou na literatura e na história. Historiadores, contistas e cronistas muito escreveram sobre ele e até mesmo eu o relembrei em alguns escritos. O cronista catarinense Jocely Lona Cleto, nascido e criado em Porto União, viveu durante a melhor fase do luxuoso meio de transporte e o evocou com saudade em algumas de suas crônicas. No livro *Do mundo de minhas saudades*, publicado em 2001, rendeu suas homenagens ao trem que fazia tanto sucesso, publicando inclusive fotos das célebres locomotivas 620 e 644 que por tantos anos o rebocaram na longa e tortuosa jornada.

"Fosse numa terça-feira, fosse numa sexta-feira, a chegada do Internacional era esperada com expectativa inusitada – escreveu o cronista. – Viesse do sul ou do norte, aqueles momentos de vibração eram vividos em Porto União da Vitória. Lá vem vindo o Internacional, anunciado pelo apito e bater do sino, inolvidáveis, que ainda hoje, na saudade dos momentos vividos, arrepia a todos. Lá vinha o Internacional pelos trilhos que chegavam de Ponta Grossa, atravessavam o rio Iguaçu na majestosa ponte ferroviária que mais tarde foi substituída por outra, feia e inexpressiva. E, quando o Internacional entrava na ponte, aquele apito parecia dizer: Estou chegando, estou chegando para vocês!"

Majestosa e elegante, a locomotiva ingressava no chão catarinense. Entre bufos e rangidos de freios, estacionava nas plataformas da bela Estação União. E ali tomava fôlego para prosseguir numa jornada longa e única, jamais esquecida pelos que conheceram o Internacional.

UM POEMA À LUZ DO DIA

Júlio Cezar Meirelles Gomes

Eu sei dos termos
E dos bocados indispensáveis
À previsão dos êxtases

Eu sei dos ermos
Dos esconjuros necessários
À aclamação de escuros

Eu sei dos rasgos de ventura
Que me iludem no agreste
Quando deito sobre a pedra
E só a pele é minha veste

Eu sei dos gumes ácidos do vento
Tecendo rugas no varal da face
Soprando velas do renascimento

Pouco, mas sei das cantilenas
Tecidas de sonhos e agonias
Proclamação dos feltros em falenas

Pouco, mas sei das catedrais vazias
Cítaras silentes no outeiro
Desse meu lado anjo arruaceiro

Sei cá comigo: –
O limo é um perdão antigo,
O resto do meu sonho em travesseiro

CASTRO ALVES, O POETA DA LIBERDADE

Homenagem aos 150 anos do falecimento de Castro Alves

Márcio Catunda

Antônio Frederico, que levava o carinhoso apelido de Cecéu, era um menino introspectivo, que escutava, solitário, o murmúrio da água e contemplava as estrelas.

Adolescente e sonhador, à claridade da lua, enamorou-se de Leonídia Fraga, moça mais bela que as açucenas de Muritiba. Cantou serenatas nas noites azuis de Salvador.

Aos dezesseis anos, com verve eloquente, dominou as plateias dos recitais no Recife.

Residiu no bairro de Santo Amaro, amasiado com a terna e amorosa Idalina, que tocava piano, enquanto ele compunha as delicadas expressões de sua inspiração sentimental.

Recebeu, como hóspede, na cidade das pontes, o amigo Fagundes Varela, autor de *Cântico do Calvário*, o ídolo fluminense que herdara o prestígio de Álvares de Azevedo.

Castro Alves, poeta da esperança, anunciou, no salão de honra da Faculdade de Direito do Recife, a aurora da Abolição e derrotou, em duelo poético, o erudito Tobias Barreto.

Sua voz retumbava nas praças – panfleto revolucionário—, vergastando o lombo dos tiranos.

Frente ao espelho, exclamava, gracejador:

– Tremei, pais de família! Don Juan vai sair!

Perdeu o ano na Faculdade e voltou à Bahia com os pulmões inflamados.

De olhar profundo, testa larga, cingida pela ondulada cabeleira negra, e olhos reluzentes, bebia a seiva do porvir: arauto da fraternidade humana.

Era impossível resistir ao magnetismo do poeta que defendia as causas humanas e a solidariedade social.

Leu *Gonzaga*, no Teatro Santa Isabel, em louvor do poeta inconfidente, e os homens ilustres cingiram-lhe a fronte com uma coroa de louros.

Sentia o dom do gênio: nascera com o talento gravado na memória. E era um perito enfeitiçador de moças.

Ainda no Recife, ele foi ao camarim da atriz Eugênia Câmara, disse-lhe um galanteio, enlaçou-a pela cintura, beijou-a com arrebatada volúpia e a levou noite afora.

Naqueles dias venturosos, cantou as brisas forasteiras do arrebol, e recitou, no camarote do Teatro São João, as estrofes da *Ode ao Dois de Julho*.

Castro Alves contemplou longamente as campinas em flor, antes de partir com Eugênia para conquistar o Sul.

Mostrou, no Rio de Janeiro, o fruto do seu estro a José de Alencar e a Machado de Assis. Os mestres recomendaram aos jornais a sua poesia, de impetuoso estilo, que lhes tocara a sensibilidade de artistas da palavra.

Declamou o poema *Pesadelo de Humaitá*, da sacada do *Diário do Rio de Janeiro*, perante a multidão que celebrava a vitória do Brasil na Guerra do Paraguai.

Matriculou-se na Faculdade de Direito, em São Paulo, e leu *O Livro e a América* para professores e colegas. Recitou, na sessão magna do Ateneu Paulista, os doloridos cantos de *O Navio Negreiro*, que comoveu os intelectuais presentes, entre os quais Rui Barbosa e Joaquim Nabuco, que se tornaram seus admiradores incondicionais.

Com sonoridade de epopeia, abominou a bandeira que serve de mortalha aos míseros escravos. Era preciso varrer da terra a ignomínia da escravidão.

Em São Paulo, luar de amor, namorou Maria Carolina, a formosa Pepita, sobrinha de Álvares de Azevedo, e carregou na alma seu rastro de perfumes.

– Prendi-me num laço de fitas.

Cantou o crepúsculo tropical e a harmonia que embalsama os ares:

– Nos lábios dos horizontes, há um riso de luz. É Deus – pronunciava o perdulário do êxtase.

O rompimento com Eugênia Câmara o entristeceu tanto, que ele se meteu em caçadas, nos ermos das matas e, ao pular uma vala, a espingarda, que trazia a tiracolo, disparou e o feriu no pé esquerdo.

O poeta sofreu o martírio da operação, sem anestesia, para que lhe arrancassem os grãos do chumbo do calcanhar.

No auge da mais exitosa consagração, pressentiu a morte e lamentou perder o chão de primaveras da existência. A tuberculose o atormentou, com a tosse e hemoptises. A ferida tornou-se um abcesso e gangrenou.

– Ficarei com menos matéria do que o resto da humanidade! – exclamou, suportando a dor cruciante, quando os médicos lhe amputaram o pé.

Apaixonou-se, sucessivamente, pelas lindas moças que lhe consolaram as dores, durante a convalescência, no solar do Sodré. Murmurou, ao ouvido de Maria Cândida Garcez, a rosa de meiga fragrância:

– Dá-me em teus seios um asilo brando!

Eulália Filgueiras também sucumbiu aos galanteios do espirituoso enfermo.

Foi, numa noite, apoiado nas muletas, rever Eugênia, no Teatro Fênix Dramática e dela despediu-se na cama dos amores.

Aleijado e alquebrado, regressou ao sertão da Bahia, anunciando a edição de *Espumas Flutuantes.*

Encantou-se com a italiana Agnese Trinci e quis viajar a Sorrento, com aquela loura, filha do Adriático.

Teve ainda forças para promover os derradeiros recitais, nas horas de alento que lhe restaram na mansão paterna.

Castro Alves passou por esta vida qual meteoro – relâmpago fascinante! Bardo compositor de orações como gritos de desespero.

Pálido, febril e despossuído de toda esperança, viveu os dias atrozes da despedida. Tinha o leito voltado para a janela, quando disse adeus à vida, olhando a luz do infinito azul.

Do livro *Eternidade Humana*, Rio de Janeiro – Personal, 2018.

ALB — COMUNICADO

A Academia de Letras do Brasil – ALB, em reunião virtual no dia 13 de maio de 2021, proclamou, para fins de sucessão, a vacância das Cadeiras número XXIV — Patrono Cecília Meirelles e número XXXIV — Patrono Nelson Rodrigues. Nos termos do Estatuto Social, ficam declaradas abertas a partir desta data, pelo prazo de 15 (quinze) dias corridos, as inscrições para o respectivo preenchimento. A inscrição deve ser encaminhada ao presidente da ALB, por mensagem eletrônica, mencionando a Cadeira objeto do pleito, juntando Currículo com ênfase nas obras literárias do candidato.

Brasília, 16 de junho de 2021.

FLÁVIO R. KOTHE (frkothe@unb.br)

PRESIDENTE DA ALB

LA LA LAND
(CANTANDO ESTAÇÕES)
Arlete Sylvia

Após a 89ª edição ainda acontecem gafes imperdoáveis. A de 2017, infelizmente foi mais uma delas.

O filme LA LA LAND (Cantando Estações), com Ryan Gosling e Emma Stone, foi criado com muito amor e paixão para encantar todas as gerações. Re
cebeu 13 indicações ao Oscar, porém foi agraciado com apenas seis. Eu particularmente amei o filme e acho que mereceria ser o ganhador do Oscar como melhor filme.

Nos primórdios do OSCAR o voto era dado por uma Academia fundada em Los Angeles em 1927, sugerindo a imagem de um guerreiro pesando 3,9 quilos, folheada a ouro de 14 quilates e platina. É a maior premiação do cinema e o grande sonho de todos aqueles que se esmeram em produzir o que existe de melhor para deleite do público.

A escolha dos filmes era feita apenas pelos associados da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas, cerca de 6.000 membros. Existe também o BAFTA, que reflete a opinião dos britânicos e pode ser considerado um termômetro para o OSCAR. Temos ainda o GLOBO DE OURO que é um prêmio da Imprensa Estrangeira de Hollywood.

Quando assistimos a um filme temos o direito de gostar ou não gostar, é uma opinião pessoal. *Titanic* foi considerado como o de maior audiência da história, 55 milhões de espectadores.

Antes da Internet, o jornal *Edição da Tarde* já colocava os nomes dos vencedores antes da noite da premiação. Atualmente esta antecipação não é mais permitida, porque tirava o suspense e a expectativa tão esperada pela sempre glamourosa noite da cerimônia.

Porém hoje com o avanço da Tecnologia também a escolha em parte é feita por meio de apostas pela Internet.

Alguns filmes como O EXORCISTA, A COR PÚRPURA e CHINATOWN, apesar de muitas indicações para o Oscar, saíram somente com uma ou duas estatuetas.

Em 2017, LA LA LAND (*Cantando Estações*), vencedor do GLOBO DE OURO e da ASSOCIAÇÃO DOS PRODUTORES DA AMÉRICA, teve 14 indicações, enquanto que MOONLIGHT (*Sob a Luz do Luar*) recebeu apenas 8 indicações e foi o ganhador do OSCAR de melhor filme. *A Chegada* também concorreu. Entretanto, particularmente, como cinéfila apaixonada, para mim o vencedor deveria ter sido LA LA LAND. Um musical muito lindo em que os atores RYAN GOSLING (que estudou piano durante quatro meses, 8 horas por dia, para tocar as músicas do filme) e EMMA STONE com toda a sua beleza, enfim, nos trouxeram momentos de encantamento pelas mãos do jovem diretor Damien Chazzele.

EMMA STONE recebeu, além do OSCAR como melhor atriz, outros prêmios, como o do Sindicato dos Atores, Globo de Ouro, o Bafta e o Festival de Veneza. LA LA LAND ganhou 6 estatuetas, mas a gafe cometida ficará na história, pois anunciado como melhor filme, (o que na realidade deveria ser), mas não era, e sim MOONLIGHT).

Achei uma grande injustiça, pois na minha opinião e de muitos críticos de cinema, MOONLIGHT poderia ter ficado em segundo lugar, seria mais justo e merecido, já que não recebeu tantas indicações e não agradou a maior parte dos cinéfilos como eu.

LUA NOVA
Affonso Heliodoro

Noite sem lua.
Onde o azul do luar?
Nem uma estrela para eu "ouvir" ou cantar.
Nada me consola neste novilúnio.
São noites frias, sem luz, sem amor.
Neomênias tristes, escuras.
Chumbadas noites longas, longas, sem luar.
Só a escuridão de um céu profundo
a assistir-me a dor e a secura dos meus olhos,
sem poder chorar.

O BOI SEM IRA
Marcelo Perrone

Cresce a relva para si mesma,
sem memória,

enquanto o boi pasta, não pasta,
vaga.

Não há outras fomes, nem dores.
Nem ar, nem mar, nem amar.

Há o puro vagar,
que boi não divaga – vaga.

Para esse boi, nasce a natureza
no olho de quem a vê.

Sem olhos que floresçam sobre as coisas,
móveis e utensílios; roupas, tarefas e escritos;

sobre os tapetes e os baldes;
camas, escadas e ruas;

postes, pistas e porteiras;
sobre os campos, as terras, os riachos;

sobre os regatos, regaços e brinquedos;
sobre as galinhas e as pacas;

sobre os porcos e os cães;
pulgas, carrapatos e aranhas;

lagartos, cobras, coelhos;
cavalos, carneiros, colibris;

sobre as vacas e os bois,
como esse,

passando na estrada, a imagem fidedigna de sua própria sina:
boi.

Sem que floresçam seus olhos sobre tudo isso e mais ainda,
sua vida será sempre essa inércia, dentro e fora.